

096 MINHA CIDADE, E O “VELHO CASARÃO PEREIRA OLIVEIRA” (ou, “Aláláô, ôôô, ôôô...”!)¹

Leon de Paula²

RESUMO: Este artigo compõe um estudo que destaca o principal espaço de teatro de Florianópolis como monumento arquitetônico referente ao patrimônio histórico e cultural dessa cidade, e algumas das diversas destinações que ele teve ao longo do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Teatral; Sociabilidade; Sociedade.

Naqueles tempos,
não menos bela que hoje,
minha cidade era menos vista aos olhos do mundo...



Vista – possivelmente feita de onde hoje se encontra o Imperial Hospital de Caridade – da póvoa existente na Ilha de Santa Catarina, em 1785, que deu origem ao centro histórico da cidade.

¹ Produzido sob orientação da Prof^a Dra. Vera Regina Martins Collaço, no 1º semestre de 2008, no Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT – Udesc/Ceart, este artigo integra o primeiro capítulo da dissertação *ECO DOS SERMÕES – “A Paixão Segundo Todos os Homens”, de Wilson Rio Apa, em Florianópolis*, a ser apresentada em março de 2009.

² Aluno do PPGT/ Ceart-Udesc 2007/1, e bolsista CAPES-CNPq. Ator integrante do grupo “Teatro, Sim... Por Quê Não?!?” e professor de teatro, formado pelo Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação Artes Cênicas da Udesc/Ceart.

³ Esta gravura é tida como a primeira imagem feita da cidade por um europeu, que por aqui esteve como integrante da expedição de La Pérouse, em 1785 (não foi possível saber quem foi seu autor). Ao fundo, vê-se a póvoa, de certa forma já bem organizada, que daria origem ao centro histórico da atual Florianópolis. Para maiores informações a respeito dessa imagem, acesse <http://www.ceart.udesc.br/anpap/Boletim02.htm> (sítio acessado em 09/06/2008).

Na Ilha de Santa Catarina, a cidade ali erguida ao abrigo do Morro do Antão obedeceu – em sua origem – ao molde tipicamente português de ocupação de terras coloniais situadas no litoral, onde a igreja construída na póvoa deveria estar voltada para o mar e, entre ela e ele, um largo espaço no qual, em redor dele e dela, a vila se desenvolveria. De um dos lados desse largo, a câmara e cadeia pública; do outro, a casa que serviria de abrigo aos governantes do povoado. A imagem acima, feita por um integrante da expedição de La Pérouse em 1785, nos mostra isso.

Como ocorria em outras cidades brasileiras, aos poucos a vila se urbanizava, orientada por idéias de modernização (sobretudo durante os séculos XIX e XX): o largo foi transformado em praça – a XV de Novembro, que tem ainda hoje em seu ponto central uma frondosa figueira, coração verde de longas ramificações, verdadeiros braços que acariciam os que por ali passam, e acolhem os que por ali ficam – para o passeio público; as ruas, antes de terra, foram calçadas; os prédios públicos, reformados. A cidade-capital surgia. Ainda não alcunhada “Floripa” ou “Ilha da Magia”, mas a velha cidade com o seu pouco conhecido nome – Desterro – tomava ares de discreta elegância pela organização empreendida no seu centro urbano, como nos mostra Eduardo Dias (1872 – 1945).



Florianópolis, retratada por Eduardo Dias

⁴ Vista tomada do Morro do Antão (mais conhecido atualmente como Morro da Cruz) no final do século XIX e início do século XX, onde é retratado o centro da cidade, a baía sul e parte do continente. Autoria do artista plástico catarinense Eduardo Dias. Imagem encontrada em 09/06/2008, no sítio http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a_tragedia_de_desterro.html . Para saber um pouco mais sobre este artista plástico catarinense, acesse <http://www1.an.com.br/2002/out/27/0ane.htm> .

Mas nem todos os importantes prédios públicos estavam ao redor dessa praça.

Atrás da Catedral Metropolitana (aquela, que um dia fora a humilde capela daquele largo dedicada a Nossa Senhora do Desterro), num dos lados da atual Praça Pereira Oliveira, há um antigo casarão de sóbrias linhas arquitetônicas, inaugurado em 08 de junho de 1875, batizado primeiramente como *Theatro Santa Izabel* e que, desde o final da Revolução Federalista⁵ até hoje, é conhecido como Teatro Álvaro de Carvalho.

Ou, simplesmente, TAC.



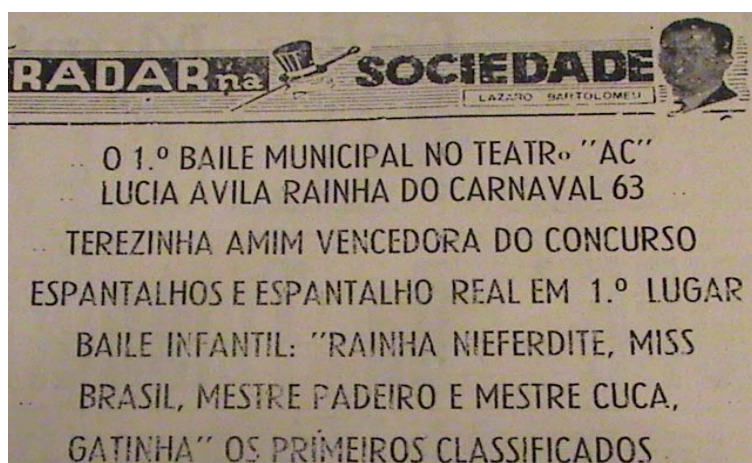
Atual fachada do Teatro Álvaro de Carvalho – TAC⁶

⁵ Segundo o historiador José Jobson Arruda, esta revolução surgiu no Rio Grande do Sul, fruto do conflito entre os interesses econômicos dos estancieiros gaúchos liderados pelo conselheiro Gaspar Silveira Martins (monarquista) e da recém formada classe média urbana - composta principalmente por pequenos proprietários estrangeiros - liderada por Júlio de Castilhos (republicano). Apoiados pela Marinha (que exigia a renúncia de Floriano), os revoltosos tomaram Curitiba e Desterro, proclamando Desterro como capital provisória da república federalista. Os revolucionários pretendiam implantar um regime parlamentarista no país, e depor Floriano Peixoto da presidência. A reação de Floriano contra os revoltosos transformou a cidade no principal palco de batalhas desta revolução, que teve fim em 1893. Alguns dos acontecimentos marcantes consequentes a esse evento foram: a mudança do nome da cidade (de Desterro para Florianópolis), a reestruturação do Palácio (atualmente conhecido como Palácio Cruz e Souza), a mudança do nome do teatro (de Santa Isabel para Álvaro de Carvalho) etc.

⁶ http://www.sc.gov.br/webimprensa/imagens/2004/marco/220304_11.htm, acessado em 30/06/2008. Foto de Jaksson Zanco.

Único espaço de Florianópolis – até 1930⁷ – a abrigar as artes cênicas, o TAC, de tipologia arquitetônica *à italiana*, não só dava acolhimento às representações teatrais mas também a outras manifestações culturais da cidade, e por diversas vezes aquele casarão também serviu a outros fins, não exatamente devotados à cultura: no final do século XIX foi cárcere de presos políticos durante a Revolução Federalista; também foi sede provisória da Assembléia Legislativa do Estado etc.

Durante o século XX, o uso do prédio também foi bastante diversificado mas teve, na maioria das vezes, respeitado seu caráter de espaço consagrado às manifestações culturais: além de servir para apresentações de teatro, também fora utilizado como cinema, ringue de luta livre, e serviu até como salão de bailes municipais de carnaval (obedecendo a um costume bastante difundido em muitas cidades do Brasil até os anos 1950/60 dos bailes públicos dos festejos de Momo serem feitos nos teatros), acolhendo algumas edições da festa em Florianópolis a partir de 1963, promovidas então por Lázaro Bartolomeu (Lalá Bartô, para os íntimos), colunista do jornal local *O Estado*. Pelo registro feito na coluna, podemos ter uma idéia do que foi este evento para a cidade, naquele período:



Coluna de Lázaro Bartolomeu, sobre o baile de carnaval realizado – em 1963 – no Álvaro de Carvalho

⁷ Neste ano, surgiram alguns locais que também eram destinados, entre outras funções, a apresentações de teatro, como o Palácio Arquidiocesano D. Joaquim (situado à rua Padre Miguelinho, aos fundos da Catedral Metropolitana); em 1931, a sede da União Beneficente Recreativa Operária – UBRO (na escadaria da rua Pedro Soares, hoje centro de Florianópolis)

(...)

SEGUNDA

feira, dia 25 de fevereiro de 1963, a data que ficará no meu caderninho histórico. O Teatro "Álvaro de Carvalho" abre-se suas portas ao som dos clarins, anunciando o Baile de Gala Municipal da capital catarinense.

A EXPECTATIVA

do acontecimento foi geral. O maestro Antônio Dutra, inicia o baile, com a melodia "O Cravo e o Jasmim", conforme estava programado.

A ALEGRIA

rompeu dentro do Teatro numa elegante e belíssima festa de carnaval, onde a elite florianopolitana teve a oportunidade de se divertir folgadoamente.

(...)

NA TERÇA

de carnaval, veio o primeiro Baile Municipal Infantil, me surpreendendo pelo movimento e interesse da petizada, que brincaram a valer no último dia de "Momo".

INÚMERAS

Famílias compareceram no Teatro, levando seus filhos que deram um Show de fantasias originais e de luxo.

APRESENTEI

um desfile para júri composto do casal Senador Atílio Fontana, casal dr. Rubens Nazareno Neves e jornalista Miro Morais.

(...)



— LEDA DEUSCHER Rainha 62, entregando a Faixa para a Rainha 63, Lúcia de Aquino Ávila, que merecidamente foi eleita Rainha do Carnaval de Santa Catarina, no Primeiro Baile Municipal no Teatro "A.C."



Sr. e Sra Osmar (Jurema) Nascimento, que pela segunda vez é classificada em primeiro lugar entre as Senhoras, sendo que a primeira foi no primeiro Baile Municipal no Clube da Colina. Sua belíssima fantasia de "Princesa do Egito" destacou...seno Teatro "Álvaro de Carvalho".

O TAC – a casa artística de maior relevância na capital do Estado de Santa Catarina até o início da década de 1980 – tinha a finalidade de sediar os acontecimentos sócio-culturais de maior relevância do centro de Florianópolis. A tradicional elite social de Florianópolis tinha no TAC a sua casa de espetáculos. Estar nele era “ser visto” e comentado. Era “obter um grau” na convivência em sociedade, fosse presente na platéia ou mesmo no palco. Podemos ver como isso era colocado pelos apontamentos de Lázaro, ainda na mesma coluna sobre o baile de carnaval por ele organizado no TAC:

OBSERVEI

tudo com calma, em certo momento olhando do palco da pista n. 2, passei as vistas para o panorama dos camarotes e das mesas na platéia. deu (sic) a impressão de uma festa num palácio real. Jovens e cavalheiros trajando “smoking” e “summer”, senhoras e senhoritas com vestidos de gala ou fantasias originais ou de luxo, desfilaram numa inesquecível noite, justamente tudo aquilo que eu imaginava e sonhava de acontecer.

Ao que parece, pelo registro de Lalá Bartô, a elite florianopolitana dispunha desse patrimônio como algo que lhe pertencesse tanto, a ponto de fazer seu uso como melhor entendesse para sua auto-promoção. Através de mecanismos criados e/ou manipulados por ela própria (o jornal, por exemplo), a elite urbana (neste caso a florianopolitana, mas podemos entender esse fenômeno como nacional) legitimava sua apropriação do espaço para estes fins, através da chancela de um representante (o colunista), que reforçava o *status* dessa classe e, dessa maneira, mantinha uma área de domínio social, político, econômico e cultural. Podemos perceber isso ao analisarmos a coluna de Lázaro, onde é noticiada até mesmo a presença do senador catarinense Atílio Fontana (na época, um dos empresários mais influentes de Santa Catarina, fundador da S/A Concórdia – ou Sadia – que ainda hoje é uma das maiores e mais sólidas empresas do estado de Santa Catarina) como jurado do desfile de fantasias do baile infantil feito na terça-feira de carnaval daquele ano, também realizado no TAC. Não posso aqui dizer ao certo o porquê da sua presença como jurado num baile infantil mas, ao noticiar esta

situação, não se pode perder de vista que são reforçados nestas ocasiões festivas laços de interesse mútuo e domínio de uma classe preocupada na exaltação de si mesma, a fim de manter uma hegemonia cultural. Para isso, o local escolhido se torna um emblema desse comportamento. Ainda hoje esse tipo de prática – não exatamente esse tipo de festividade específica nos teatros brasileiros, mas também neles – é noticiada pela imprensa nacional com a mesma finalidade, ou similar. Atualmente, o “Velho Casarão da Pereira Oliveira” tem suas atividades dirigidas a atender às artes cênicas e musicais (não mais destinadas aos bailes de carnaval). Devemos considerar que a mentalidade social desse período permitia que o prédio fosse assim utilizado também dessa forma.

É bem verdade que o Álvaro de Carvalho não era o único espaço a dar suporte, naqueles tempos, à sociabilidade da elite florianopolitana. No centro da cidade estavam os mais importantes espaços que acolhiam os eventos sociais: os clubes por exemplo, em sua maioria, tinham sede nele, ou em seus arredores imediatos⁸. Mas o TAC era *suis generis*, pois era o único a acolher os grandes nomes do teatro nacional ou internacional (tal qual noticiava a imprensa), e nele toda a social elite desfilava, ao elegê-lo como um dos seus espaço-símbolo. Embora um espaço público – que, em tese, todos os cidadãos o poderiam frequentar – o Álvaro de Carvalho era (e ainda é) um ambiente para poucos, pois para estar nele é “exigido” que a pessoa que lá adentre “domine” certos códigos de conduta e sociabilidade, e isso o tornava (e ainda o torna, em certa medida) um lugar restrito para a sua apropriação. E, para ali estar, o espetáculo deveria atender às premissas desse público que dava suporte a essa prática (pois como bem diz Michel de Certeau, o lugar se transforma em espaço segundo o uso que se faz dele). No que diz respeito ao tamanho do prédio, o Álvaro de Carvalho também se destacava nesse

⁸ Lugares que, em distintas épocas, foram marginais ao centro e que, com o passar do tempo, foram englobados por ele: dentre vários, cito aqui como exemplos o antigo “bairro da Toca”, localizado entre a atual Avenida Hercílio Luz e o Hospital Militar do Exército; o bairro Rita Maria; e a rua Pedro Soares, localizada entre a praça Pereira Oliveira e a Avenida Hercílio Luz, onde se situa desde 1931 o Teatro da UBRO. Para uma melhor apreciação do desenvolvimento urbano e arquitetônico da cidade, recomendo a leitura de *Florianópolis – Memória Urbana*, de Eliane Veras da Veiga, pela Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes.

período, pois como salão de bailes não havia na cidade outro que fosse maior ou tivesse melhor acústica.

BIBLIOGRAFIA:

- ADAMS, Betina. **Preservação Urbana: gestão e resgate de uma história: patrimônio de Florianópolis**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **Por Amor às Cidades**. São Paulo: UNESP, 1998.
- LIMA, Fátima Costa. **Espaços de Encontro no Teatro e no Carnaval**. Florianópolis: Dissertação de Mestrado FAED/UDESC, 2003 (inédita).
- LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Das Vanguardas à tradição: arquitetura, teatro & espaço urbano**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- O ESTADO. Coluna *RADAR NA SOCIEDADE*, de Lázaro Bartolomeu. 03/03/1963.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. Tradução para a língua portuguesa sob a direção de Jacó Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ROUBINE, Jean-Jacques. **A Linguagem da Encenação Teatral**. Tradução e apresentação de Yan Michalski. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.